

# LUZES E CORES EM SHEFFIELD<sup>1</sup>

■ Ricardo C. Cabús

Sempre pensei na Inglaterra como um país cinzento. Creio que tinha a mente na revolução industrial, com sua fumaça plumbeando ainda mais um céu já permanentemente encoberto por densas nuvens. Ademais, a arquitetura inglesa pós-guerra havia definido o marrom-grisalho como cor dominante, visível em infindas paredes de casas geminadas com tijolos nus (Figura 1).



No entanto, a vida na velha Albion mostrou-me aos poucos um semblante com cor, luz e vida. Embora não tão frequentes, céus claros acontecem e, por raros, são mais belos. E será um desses dias que descreverei caminhando nos próximos parágrafos, saindo de Sheffield, ex-cidade industrial do norte da Inglaterra, em direção ao Peak District, parque com área semelhante ao parque nacional da Chapada Diamantina e diversidade de fauna e flora comparável ao quintal da casa de meu avô.

■ Centro de Tecnologia da  
Universidade Federal de Alagoas  
r.cabus@gmail.com

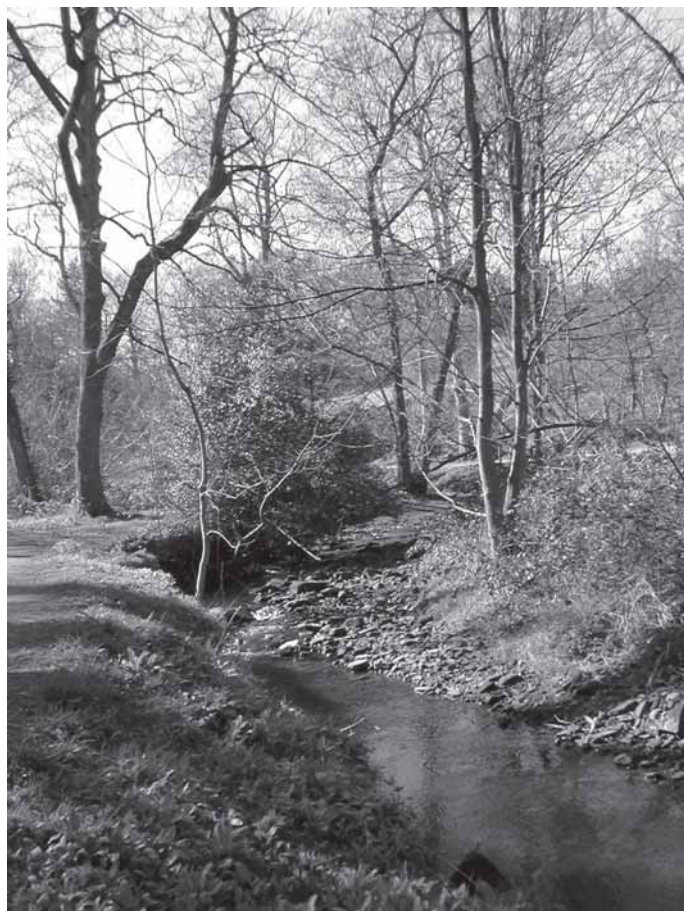
O passeio começa no Endcliffe Park, onde o amarelo das flores outonais sobe uma rampa enrelvada em direção a uma abóbada celeste plenamente azul, deixando os tijolos pardos se apequenarem a cada passo (Figura 2). É prazeroso ver cores brasileiras espargidas na paisagem britânica.



Tomando o rumo do oeste, não demora a surgir o primeiro córrego (Figura 3), onde a luz pode brincar de rebater entre as pedras e galhos ou mergulhar nas águas gélidas e límpidas. É um momento de estesia, quando o som das águas molha o odor do vento que alumia as árvores.



E a vereda segue o riacho (Figura 4), fazendo voltas e mostrando faces. As árvores caducas, ao tempo em que deixam o horizonte um tanto amarronzado, permitem que mais luz desça ao solo e que o azul e o branco do céu com nuvens sejam vistos homeopaticamente a cada passada.





Mas há um tronco acompanhando o caminho. Deve fazer tempo que foi tombado: o verde-musgo já devorou o marrom da casca (Figura 5), formando uma textura relevada e densa, onde o sol pousa quieto.



Há vida no ar. Os ninhos se destacam nos galhos desfolhados (Figura 7). A vida sobrevoa o lago. A vida sobrevoa a trilha. A vida sobrevoa o eu.



Os passos levam ao lago (Figura 6). O lago é ponto de descanso, de alimentar-se de comida e ar. É tempo de ver pessoas passarem, velhos muito velhos e jovens muito jovens, juntos. Casais nem sempre. A vegetação é a mesma, mas o lago muda a luz especularmente, espetacularmente.



Nem só de curvas se faz o caminho. O muro de pedras escolta o viandar e um fio oportunista segue em linha reta agarrando-se em postes esparsos e cansados. O verde se abre para a vida passar (Figura 8).



A cidade existe, apesar do campo. Seu canto está lá. Como chegar? Como voltar? Querer voltar. Querer ficar. Querer arrodar. A encruzilhada é imperatriz. A decisão é necessária. A cidade está logo ali. (Figuras 9 e 10).



## Notas

<sup>1</sup> Fotos do autor